

Resenha

A SOCIOLOGIA DO LAZER (STANLEY PARKER)¹

Hionne Mara da Silva Câmara²

O autor britânico Stanley Robert Parker foi um dos fundadores da *Leisure Studies Association* (LSA) na Grã-Bretanha, tendo sua tese como base para o livro *O futuro do trabalho e lazer* no início da década de 1970. O autor foi também co-editor da Diretoria de Estudos e Pesquisas de Lazer em 1973 pela Universidade de Salford. Parker teve papel fundamental na LSA com suas obras juntamente com outros pesquisadores no aumento de leituras acadêmicas sobre o lazer. Entre seus principais livros, além de *A Sociologia do Lazer*, se encontram: *Sociologia do Trabalho, Lazer e Trabalho* e *Trabalho e Aposentadoria*.

¹ PARKER, Stanley R. **A sociologia do Lazer**. Tradução de Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

² Bacharel em Turismo pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: hionnemara@gmail.com

A obra *A Sociologia do Lazer* está dividida em três (03) partes: O Contexto Cultural do Lazer, O Lazer e as Outras Esferas da Vida e, por fim, O Planejamento e as Políticas do Lazer. A primeira parte é introdutória, composta por quatro capítulos, trazendo conceitos, um breve histórico e um comparativo cultural; a segunda parte aborda, em quatro capítulos, como o lazer se enquadra nas diferentes esferas da vida e do cotidiano, levando em consideração diversos fatores; na terceira parte são analisados, em três capítulos, fatores de planejamento como demanda, fornecedores e iniciativa privada. O capítulo final conta com uma conclusão tanto especulativa quanto realista analisando tendências e conspirando sobre o futuro do lazer.

Na introdução da obra, o autor levanta alguns questionamentos e afirma não haver consenso quanto ao conceito de lazer, fala ainda da escassez de teoria sobre o tema e já adianta algumas citações de autores que contribuem para a obra. Finaliza a introdução propondo tentar realizar um estudo também interdisciplinar, pelo fato de haver fenômenos e relações que englobem outras disciplinas e teorias.

O capítulo inicial traz “Uma visão histórica e comparativa” do lazer. Parker já mostra nesse capítulo indícios de uma percepção crítica da influência do capitalismo no surgimento e desenvolvimento do lazer. São inicialmente vistos conceitos de lazer, desde o senso comum até autores como Joffre Dumazedier, que traz o descanso, diversão e enriquecimento dos conhecimentos e participação social como as principais funções do lazer. Parker mantém a utilização de autores que abordam conceitos e continua uma ordem lógica para também explicar o lazer de forma histórico-cultural.

Para Parker, o lazer surge principalmente pela necessidade do descanso, pois as classes operárias nas sociedades industriais se encontravam em um estado de exploração do trabalho e conseqüente esgotamento, e já não era mais possível produzir sem um tempo de folga. O lazer passa, então, a ser exigido pelos trabalhadores como um direito. Pode-se concluir através desse princípio, que o lazer nasce na sociedade industrial, o que já dá abertura ao autor para o capítulo seguinte.

No capítulo dois, “O lazer na sociedade industrial”, Parker reforça ideias já mencionadas anteriormente, em especial a de que o lazer, como filho da sociedade

industrial, é também uma instituição social. Outro fator a ser levado em consideração é a estratificação social.

A estratificação social é um ingrediente importante das sociedades modernas, e o lazer adotado pelas pessoas é influenciado por sua classe ou condição social [...] O crescimento das indústrias de lazer contribuiu para modelar a forma como a maior parte das pessoas gozam de seu lazer (1978, p. 32).

O lazer se assemelha ao trabalho por conter os mesmos traços de padronização, controle social, dependência do capital, já que este faz parte da mesma sociedade industrial, de alta produção e conseqüentemente consumo. O aumento das indústrias de lazer pode dar a ilusão de que a classe operária tem as mesmas oportunidades de lazer da classe burguesa, mas não haverá igualdade social no lazer apenas porque há espaços de lazer para todas as classes.

A escassez de tempo é outro fator relevante no debate sobre o lazer, pois nas sociedades industriais o trabalho toma grande parte do tempo dos consumidores de lazer, e a falta de tempo para o lazer é consequência do aumento do tempo gasto com trabalho ou outras necessidades. Apesar de a sociedade industrial ter trazido mais tempo livre para os trabalhadores, não se pode afirmar que existe liberdade individual para se aproveitar esse tempo.

“A variedade de experiências de lazer” é um capítulo mais referente às escolhas e suas motivações do que mesmo às categorias de lazer. Parker foca na busca da identidade como motivador fundamental na decisão do que fazer com o lazer. O que as pessoas, de classes elitizadas ou operárias desejam aproveitar de seu tempo livre é essencial em sua abordagem, se se levar em consideração que muitos utilizam formas de lazer em seus trabalhos, e o fator relativo do que é lazer para as pessoas (o lazer de uns pode não ser lazer para outros). Neste capítulo mais uma vez o autor dá ênfase na diferença de escolhas entre as ‘culturas’ de elite e de massa, afirmando que a primeira está aberta a atividades mais práticas ou ativas, enquanto a segunda se enquadra como público de espetáculos (realiza um tipo de lazer mais passivo). Parker cita Erich Fromm e sua visão de que haveria uma orientação *receptiva*, e o praticante do lazer passivo estaria alienado, tanto para o consumo do lazer como no uso desse tempo. O lazer e o

tempo livre dão uma ideia de liberdade, mas não necessariamente as pessoas se tornam tão mais livres para escolher o que fazer desse tempo. “A quebra da rotina pode funcionar como um refrigerio para a volta à rotina – ou como um liberador de inibições inculcadas pela rotina” (1978, p. 58). A decisão do uso do lazer é importante, e define sua busca (ou não) pela identidade.

O capítulo quatro encerra a primeira parte falando do lazer no ciclo vital. Na infância, há divisões como sexo, idade, classe social e cultura que traçam melhor os tipos de brincadeiras realizadas pelas crianças. As crianças de classes mais pobres tendem a brincar na rua, ter formas de sociabilidade mais variadas do que as que brincam em espaços fechados, e para ambas classes há forte influência dos pais no tipo de brincadeira. Quanto à divisão sexual, é dito que as meninas cada vez mais realizam atividades antes consideradas masculinas, e que elas acabam passando por atividades físicas, criativas e imaginativas, enquanto os meninos preferem as atividades físicas.

A adolescência é relativa, até mesmo em sua duração. Como em todas as outras fases da vida, a classe social afetará as opções de lazer e o tempo livre existente – adolescentes que trabalham terão mais liberdade financeira, porém, menos tempo livre – entretanto, um fator em comum na vida jovem é que estes tendem a se influenciar muito mais na vida social entre os amigos, colegas da escola do que no ambiente familiar, com os pais e adultos, por exemplo. Os adultos ainda são os maiores consumidores de serviços de lazer. Os fatores que mais influenciam no tempo de lazer destes são: sexo, idade, estado civil e se tem ou não filhos.

Se o desejo de começar a comprar uma casa for a principal razão de seu trabalho, a questão do lazer estará provavelmente em segundo lugar. Outros jovens casais que se contentam com acomodações modestas talvez desejem dedicar mais tempo ao lazer, ou mesmo ter férias dispendiosas (1978, p. 69).

As prioridades fazem com que o lazer se torne cada vez mais individual. Há também motivos que podem não ser decididos pelo consumidor: “A saúde e a mobilidade têm importante efeito tanto na quantidade quanto na qualidade do lazer dos idosos” (1978, p. 71). É possível concluir que o fato de os idosos terem mais tempo livre tem como consequência o aumento de seu tempo de lazer, mas para tais conclusões

deve-se levar em consideração a perda de energia, ou a escolha de outras tarefas para preencher esse tempo livre, o que pode ou não ser considerado como lazer.

A segunda parte relata como o lazer pode se encaixar em outras esferas da vida, que são: o trabalho, a família, a educação e a religião. No quinto capítulo Parker menciona que o lazer tem cada vez mais influenciado o trabalho, apesar de o oposto disso ainda ser mais comum. É preciso, sempre, observar aspectos culturais, sociais, e principalmente a questão do interesse do indivíduo.

Assim, em termos de maneiras pelas quais as pessoas apreendem a relação entre o trabalho e o lazer em suas vidas, podemos distinguir três posições: (1) prioridade do trabalho, (2) prioridade do lazer, e (3) igualdade entre trabalho e lazer. Uma forma de se descobrir quantas pessoas e que tipo de pessoas seguem cada um desses padrões é perguntar-lhes qual o seu “interesse central na vida” (1978, p. 81).

O lazer terá relação com o trabalho, seja por extensão (continuidade do trabalho no tempo de lazer), oposição (desejo de “se libertar” totalmente da rotina de trabalho) ou neutralidade, onde se encaixam os desejos de lazer e o tipo de emprego que cada um tem. No trabalho, o sentimento de criatividade e de autoexpressão são cada vez menos explorados, menos utilizados, o que gera vontade de compensação no tempo livre. Entretanto, o trabalho que mais frustra, aliena e explora tende a orientar também o comportamento dos trabalhadores em suas atividades de lazer.

O capítulo seis, intitulado “O lazer e a família” resume situações onde é possível ver formas de lazer seja dentro do espaço domiciliar, seja em espaços públicos. Com o aumento das formas e indústrias de recreação e lazer, a família possui cada vez mais opções para usufruir seu tempo livre, e com o maior investimento em equipamentos domésticos, a família pode muitas vezes optar pela casa como espaço de divertimento.

Diferentes processos culturais e de socialização têm influência direta nas atividades de lazer realizadas. Parker cita países como o México e os Estados Unidos, comparando como as atividades de lazer se refletem na vida familiar: no México, as touradas se assemelham à tirania masculina, o que acaba gerando no lar uma dominação dos homens sobre as mulheres. Nos Estados Unidos, o beisebol possui um espírito de

igualdade, apesar de também conter regras e rituais que se enquadram na autoridade dos pais sobre os filhos que, sentem-se “frustrados” ao receber ordens.

Apesar de no início do capítulo o lar ser tratado como espaço de escolha do lazer em família, o aumento do uso de equipamentos eletrodomésticos traz mais televisões para dentro das casas, o que acaba afastando a família, mesmo dentro do mesmo ambiente. A classe social também terá influência direta no lazer, principalmente na questão de onde esse será realizado.

Parker trata dos diferentes tipos de lazer para homens e para mulheres. Geralmente, as mulheres casadas, mesmo jovens, preferem tipos de lazer mais domésticos, enquanto os homens são mais ativos e saem mais de casa. Ambos, com o passar da idade, procuram atividades mais tranquilas. Ao final do capítulo, são mencionados dois tipos de casamento: o tradicional, onde para a mulher são impostas as atividades de cuidar dos filhos e das tarefas domiciliares, enquanto o homem trabalha fora e tem seu lazer em bares e clubes. O outro tipo de casamento seria o democrático, onde ambos, marido e esposa têm uma divisão igualitária tanto nas atividades dentro do lar, como no direito ao lazer dentro ou fora de casa.

Homens e mulheres podem, com alguma impunidade, escolher atividades que não as determinadas pelas antigas normas de conveniência. Ela pode pescar, da mesma forma que ele pode frequentar aulas de culinária. Um elemento de liberdade, um rompimento com as tradições passadas, penetrou, portanto, no lazer de ambos os sexos (1978, p. 109).

Todos os capítulos da segunda parte encontram-se entrelaçados, a família também tem voz quando se trata da educação. O capítulo sete mostra que a educação “exerce uma influência marcante na extensão do âmbito dos desejos individuais” (1978, p. 112), e quando relacionada com o desenvolvimento da personalidade, criatividade, ou da identidade humana, a educação encontra semelhanças com os objetivos do lazer.

No tópico A educação para o lazer, o autor afirma que “as escolas devem oferecer experiências de aprendizado em uma ampla variedade de habilidades e interesses úteis para o enriquecimento de ocupações recreativas duradouras” (1978, p. 117). Infelizmente, nem sempre o lazer dentro das escolas tem esse espírito libertador que o

próprio conceito muitas vezes indica, inclusive o termo recreação é usado em algumas escolas, e isso já é suficiente para notar-se que são atividades formalizadas ou padronizadas.

A educação pode ser pensada enquanto lazer se considerados alguns termos. É possível dizer que há semelhanças nos objetivos das duas, como já observado, e a educação pode ou não trazer essa intenção de despertar o sentimento de criatividade. Ela o faz quando tem caráter progressista, onde é preciso vivenciar para aprender. Daí surge também a ideia de uma educação continuada, permanente, que faz inclusive com que a vida não se torne entediante depois da aposentadoria. Se a educação for vista além de continuada, algo que vise à criatividade e espontaneidade, ela terá em si cada vez mais um lazer como fonte de satisfação e libertação.

O capítulo que finaliza as discussões acerca das esferas da vida é o Lazer e a religião, e conta com as afinidades e “prescrições” entre os dois conceitos. Há muito do lazer dentro das religiões e vice-versa. Resumidamente, as afinidades são: “ambos expressam o desejo de bem-estar pessoal, proporcionam oportunidades para o exercício do livre arbítrio, são integradores e abrangentes e dão significado especial à *re-criação* (recreação)” (1978, p. 124).

As prescrições mencionadas por Parker são relacionadas ao fato de haver certas limitações quanto a algumas escolhas de atividades para o lazer. Muitas religiões, por exemplo, não permitem que seus fiéis consumam bebidas alcoólicas, o cigarro, jogos de azar, enquanto outras proíbem algumas dessas coisas, mas, por exemplo, realizam jogos com finalidade benéfica para a própria igreja.

Para os fiéis a religião possui diversos momentos que podem ser considerados lazer, e é notado também que as igrejas têm cada vez mais se moldado para agradar e manter esses fiéis.

Nas sociedades industriais avançadas, não é difícil mostrar que a religião institucional contemporânea possui certas qualidades sociais que permitem aos participantes vê-la como uma forma de ocupação de lazer um tanto moderada (...). As igrejas têm tacitamente encorajado os fiéis a sentirem prazer no que estão fazendo (1978, p. 136).

Apesar de haver influência religiosa que limite as possibilidades de lazer dos indivíduos que seguem certas religiões, há também o lazer dentro das religiões, seja pelas festividades ou pelo estilo dos sermões e das pregações. A igreja ainda é considerada para muitos um local de (re) encontro, e por mais que o lazer venha ganhando espaço independente das religiões, a Igreja será um local também de busca de identidade e sentido.

A terceira parte do livro intitulada “O planejamento e as políticas do lazer” inicia discutindo, no nono capítulo, Os consumidores e a demanda, considerando as variáveis de tempo disponível, socioeconômicas, espaciais e outras. Parker considerará neste capítulo três áreas de lazer: esportes, artes e férias.

O primeiro ponto tratado é da economia do lazer, que aprofundará mais tarde ao especificar a relação de fornecedores, oferta e procura. Parker depois analisa o tempo disponível para o lazer, que seria proporcional ao tempo livre total, considerando a diminuição de horas semanais de trabalho. Outro fator que influencia as pessoas a buscar lazer é o aumento de tempo de férias. Muitos preferem abrir mão de horas livres durante a semana para que este tempo seja compensado em dias de férias. Em resumo, Parker aborda as principais influências da demanda para o lazer:

...tempo disponível, dinheiro disponível em relação ao custo, ocupação ou posição de classe, nível educacional, posse ou não de carro, fase do ciclo vital, fatores demográficos e geográficos, atitudes tradicionais e atuais (1978, p. 146).

Parker utiliza como exemplo a realidade de Grã-Bretanha. Em Londres é bastante comum formas de lazer que sejam realizadas fora de casa. Ele trata também dos parques e espaços naturais, atividades de jardinagem e o camping. O autor aborda ainda a questão dos esportes, e como a idade e categoria socioeconômica influenciam na escolha do mesmo, tanto para jogar ou ser espectador. No tocante às artes, ele as separa entre arte dramática, música, ópera e balé, filmes, artes visuais, literatura e bibliotecas.

O fato de os trabalhadores terem ganhado direito a aumento de tempo de férias não implica dizer que estes usufruíram desse direito, ou ao menos não houve aumento drástico de pessoas o fazendo. Os meios de comunicação têm importante papel na esfera

do lazer, e deve-se ainda considerar que eles “são um interesse em si próprios e também catalizadores para outros interesses” (1978, p. 152). A televisão tem se tornado uma preferência como atividade de lazer, tomando espaço de cinemas, teatros, da rádio etc.

Ao final do capítulo, Parker traz um questionamento imprescindível na análise da demanda. Qual deveria ser a real preocupação da sociedade: atender às demandas das pessoas ou formá-las através de influências educacionais, incentivando a população para um tipo de lazer mais saudável e melhor?

O capítulo dez precede as conclusões da obra, e se intitula “Os fornecedores e o suprimento”, propondo-se a tratar como a demanda pode/deve ser atendida. O maior desafio de compreender o planejamento dentro do lazer é que o segundo implica liberdade, enquanto o primeiro, em certo grau, a afasta. Para Parker, o ideal seria dar o máximo de diversidade para que o consumidor de lazer sinta-se o mais livre possível ao fazer sua escolha de destino ou atividade. Ele explica que não pode haver o termo planejar para o lazer, pois “É possível promover socialmente os meios, mas não a finalidade” (1978, p. 160).

Neste capítulo, são observados dois pontos do fornecimento do lazer: iniciativa pública e privada. No primeiro caso, são mencionados os investimentos no conselho de esportes, nas atividades recreativas em escolas e centros esportivos e no incentivo de arte, leitura e cultura, dentro da Grã-Bretanha. Além disso, foram investidos no auxílio ou suprimento de espaços de atividades naturais, embora essas possuam suas limitações de aproveitamento (para que não se afete a conservação dos locais). Para além desses investimentos, é preciso também pensar nas necessidades da demanda, e à iniciativa pública restam duas saídas: supor quais seriam tais necessidades ou se utilizar do objetivo paternalista, que consiste em persuadir os consumidores a adquirirem certo tipo de lazer.

Quando se trata de iniciativa privada, um dos exemplos mais importantes a ser mencionado é o das indústrias de lazer. A tecnologia ajuda bastante na venda de lazer, e tanto os locais de lazer como as atividades existentes nestes são induzidos ao consumo da população. Até mesmo os mercados de menor porte são atendidos pela iniciativa privada, desde que tragam lucro. É notável a diversificação e a renovação de atividades

promovidas por empresas de negócios de lazer. Elas entendem que os clientes querem se sentir mais ativos e livres no processo de escolha.

A localização do empreendimento é um indicativo relevante na existência ou não de fornecimento de lazer. A distribuição de terra e a quantidade de terra existente para espaços de lazer enfrentam um problema. Além disso, é bastante subjetivo saber se o local possui ou não valor paisagístico. Os espaços naturais disponíveis para lazer são consideráveis, mas deve-se pensar na qualidade e na localização destes, para que se entenda se estes servirão ou não para sua finalidade, sem esquecer a subjetividade do cliente: “É possível examinar a hierarquia do suprimento mais especificamente em relação a interesses e atividades particulares de lazer” (1978, p. 173).

O último tópico mencionado por Parker é da relação entre oferta e procura, onde são analisadas as principais necessidades dos consumidores e as possibilidades dessas necessidades serem atendidas, considerando a distância, o tipo de atividade (se há facilidade ou não do fornecimento para esta) etc. “É certo, com relação à maior parte das facilidades de lazer, que o fornecimento, em grande parte, cria a demanda” (1978, p. 174). A consciência dos fornecedores pode ser a solução nos desencontros e frustrações entre oferta e procura, mas, para Parker, nunca deve ser deixada em segundo plano a busca pela identidade através das atividades de lazer.

No capítulo final, “Conclusões – o lazer e o futuro”, Parker reafirma certas ideias já mencionadas na obra, trazendo também um foco no que o lazer promete para o futuro. O lazer é visto como um produto da sociedade moderna, mas não é possível afirmar que será a instituição maior da sociedade futura, nem mesmo que aumente a busca por uma identidade nesses momentos. O autor mantém cautela em suas previsões.

São vistos autores que através de suas pesquisas chegaram a certas tendências para o lazer: o crescimento do interesse por formas mais ativas de lazer, como esportes e participação cultural; e uma sociedade mais voltada para o descanso do que para o trabalho. Parker demonstra maior afinidade com (por considerar mais realistas) as afirmações de que a sociedade de consumo não será substituída por uma sociedade de lazer, e a necessidade de ascensão do padrão de vida não será superada pela demanda de tempo de lazer.

A questão de valores do lazer é o último ponto traçado por Stanley Parker, que divide essa questão em: significado e experiência do lazer (como é válido que ambos, conceito e empiria, caminhem juntos para harmonizar a compreensão do que deve ser lazer), função do lazer para o indivíduo e a sociedade (refletir o lazer como controle social ou expressão cultural) e o paradoxo do planejamento na liberdade do lazer (decisão do indivíduo sobre o nível de imposições que aceitará). Ele critica a sociedade do lazer, que limita, escolhe, proíbe e frustra certas escolhas e liberdades prometidas, para valorizar a sociedade com lazer.

“A Sociologia do Lazer” é uma obra fundamental nos estudos do lazer. Além de ser parte dos livros pioneiros dos estudos acadêmicos sobre o tema, ela traz uma visão crítica e realista sobre o lazer dentro da sociedade de consumo e produção em massa. Outras obras e artigos abordam a leitura de Parker, que serve como base para trabalhos como *Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa*, pela Dra. Christianne Luce Gomes, *Contribuições de autores clássicos modernos e contemporâneos para os estudos do lazer*, de Nelson Carvalho Marcellino, *Lazer e produtividade no trabalho*, de Maria de Fátima Aguiar e *O lazer no Brasil: Do nacional desenvolvimentismo à globalização* de Marco Antonio Bettini Almeida e Dr. Gustavo Lins Gutierrez. Apesar de ser uma obra de 1978, *A sociologia do lazer* aborda temas importantes e por não ser muito difundida no Brasil, viu-se necessário realizar a resenha da mesma.

Cronologia do Processo Editorial

Recebido em: 11. dez. 2015

Aprovação Final: 21. dez. 2015

Referência (NBR 6023/2002)

PARKER, Stanley R. A sociologia do lazer. Resenha de: CÂMARA, Hionne Mara da Silva. A sociologia do lazer (Stanley Parker). **Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 4, n. 2, p. 121-131, jul./dez. 2015.